

# Índios Pankararu fecham sede da Funai

■ Servidores ficam como reféns por quatro horas

Depois de mais de quatro horas de tensão, negociações e ao tom de muitos protestos, os índios Pankararu resolveram libertar os noventa funcionários e o administrador regional da Funai, Otávio Uchôa Guedes Cavalcanti, que foram feitos reféns, ontem, na própria sede da entidade, na avenida João de Barros. Reivindicando o equivalente a R\$ 298 mil - para negociar com 33 posseiros que aceitaram sair de suas terras, situadas em Petrolândia, Jacaratu e Jatobá (Sertão) -, e exigindo a demarcação de 8.100 hectares, os 42 índios fecharam a Funai às 10h30. Em Pernambuco, os Pankararu somam seis mil pessoas.

Pintados para a guerra com barro branco, e depois de aguardarem por dois dias uma resposta do presidente da Fundação, que não chegou, os Pankararu radicalizaram e impediram a entrada e saída de funcionários, dando acesso apenas à Imprensa. "Não é bem refém. Ficamos com ele (Otávio) para poder negociar. Se não, ele esquece, como a Funai esqueceu nós por quarenta anos", justificou o líder comunitário dos índios, Gustavo Pankararu.

Apesar de ser tida como uma tribo extremamente pacífica, os Pankararu não amenizaram, e como a resposta de Brasília sobre seus pedidos não chegava, eles resolveram interromper o trânsito da avenida João de Barros. Às 12h30, pu-

seram uma kombi da Funai no meio da rodovia e por mais de duas horas causaram um tumulto nunca visto antes nos onze anos de existência da Delegacia Regional da Funai no Recife.

Devido à barreira, completada com correntes e pedras, formou-se um engarrafamento de mais de seis quilômetros, sentido até no trecho da Encruzilhada. "A gente quer apenas nossos direitos: da terra, da saúde e de um atendimento digno de ser humano. O que não vem acontecendo", revelou Gustavo Pankararu.

**Reféns** - Enquanto os índios dançavam, tocavam seus apitos e flautas em frente à Funai, sob o olhar de cerca de quinze policiais militares, na parte interna da instituição o clima era de expectativa. "Estamos negociando em paz. Não há motivo para pânico", tentou amenizar Otávio Uchôa. Mas calma era o único sentimento que não havia entre os funcionários. "Estou preocupada porque nunca vi isso aqui e tomo remédio controlado. Eles normalmente são muito amigos, mas hoje não querem conversa com ninguém", afirmou, nervosa, uma das servidoras da Funai, Ivanilda Macêdo da Silva, 55 anos. "A gente lamenta que tenha chegado a esse nível, porque estamos pagando um preço que não é nosso", disse a jornalista da Funai, Gisela Didier. Alguns funcionários chegaram a pular o muro lateral da Fundação para escapar dos índios.

Os momentos de tensão se prolongaram até as 13h, quando o presidente da Funai, Júlio Marcos



Grupo de índios Pankararu libertou o administrador regional da Funai, Otávio Uchôa Cavalcanti, depois da promessa de solução do problema

Germany Gainer, enviou fax se comprometendo a tentar cumprir as reivindicações dos Pankararu através do Ministério da Justiça. Mas os índios queriam uma garantia maior

de que as promessas não ficarão apenas no papel.

Por isso, apenas depois que o administrador regional da Funai assinou um documento se responsabili-

zando de ir pessoalmente a Brasília a fim de liberar, na próxima quinta-feira, o dinheiro para as indenizações, os Pankararu fumaram o cachimbo da paz. "Há quarenta anos

que os posseiros estão comendo nossas terras e a Funai não faz nada. Se não sair o dinheiro, a gente volta", garantiu o Pankararu, Manoel Maria da Silva.